

# O desaparecimento de um Homem Bom

## The death of a good man

Pedro Abecasis, Manuel Silvério Marques

“Morreu o Professor Nogueira da Costa”. A notícia caiu brutal e inesperada nos muitos amigos e discípulos do Professor.

A nós, que com ele começámos a contactar no final de 1970, logo após terminarmos o curso, e que sempre nos habituámos a saber que ele estava ali, ainda mais nos pareceu estranha e incompreensível. Pertencemos ao grupo daqueles que tiveram a sorte de se iniciarem na prática clínica guiados pelos Professor Nogueira da Costa. Alguns dos ensinamentos que com ele adquirimos logo no início da nossa actividade como médicos e que não deixaram de nos acompanhar pela vida fora foram devidos ao seu exemplo, exemplo dado no dia a dia das tarefas hospitalares. Queremos referir em primeiro lugar (pelo seu valor) a arte de observar e diagnosticar, sempre revelada, sem exibicionismo, nas visitas do serviço e nas conferências clínico-patológicas do hospital. Era o tempo do ensino socrático, das histórias à cabeceira do doente, das “notas de alta” do sábado de manhã, da passagem por fino crivo de todos os óbitos. O respeito absoluto pelo doente e a capacidade de escuta, a atenção ao sofrimento e à sua contenção, constituem talvez a segunda grande lição que aprendemos. Um estilo de ser médico, nobre, sóbrio e pragmático: uma actuação eficaz sempre iluminada por uma cultura médica científica extensa e profunda.

Hoje em dia todos reconhecemos a dificuldade em manter alto o nível da aliança entre saber teórico e experiência prática, o que leva ao lugar-comum de que já acabou o tempo dos grandes clínicos, com conhecimentos que abarcavam transversalmente toda a ciência médica. O Professor Nogueira da Costa foi seguramente um destes. Além de Internista era também Cardiologista e tinha feito o então existente internato intermediário de Neurologia, área em que também possuía uma sólida formação. Em certa ocasião ofereceu a um de nós (PA) um tratado de anemias hemolíticas (em 4 volumes) — o “Dacie”: vinha todo sublinhado indicando que tinha sido objecto de estudo atento.

Outra faceta que seguramente marcou os que trabalharam com ele foi aquilo a que podemos chamar o “não dogmatismo”, a dúvida ponderada perante as situações clínicas que se lhe apresentavam. A humildade dos grandes (parecendo às vezes pedir licença para ter razão) é das qualidades mais raras que encontramos hoje em dia e que vai seguramente contra a maré das vaidades que proliferam no meio.

Também foi o Professor Nogueira da Costa um homem de trabalho e de rigor científico. Levantava-se muito cedo e todos os dias quando chegava ao hospital já tinha duas horas de estudo, o que lhe permitia manter-se constantemente



atualizado. Era um Mestre e um interlocutor que provocava: interrogava-se e interrogava-nos; sabia pensar, sabia fazer pensar. Mas que reconhecia que o argumento e a prova em medicina clínica são o princípio, mas não o fim da decisão. Constituem a condição necessária, mas não suficiente, da redução da incerteza. Como escreveu um dia “(...) *A doença, conceito esquemático e abstracto, indispensável aliás para a linguagem médica, opõe-se em certos aspectos à doença do indivíduo, isto é ao sofrimento e às modificações pessoais e ambientais inerentes. Assim (...) o indivíduo pode estar doente sem doença ou ter doença sem estar doente, o que se exprimiria melhor se tivéssemos dois vocábulos diferentes para a doença ‘objectiva’ e a doença ‘subjectiva’. O internista tem sempre de considerar as duas (...)*” (O Médico, 109, 1983, p.4). Quanto ao rigor e honestidade que punha em qualquer dos seus trabalhos puderam ser testemunhados por todos, e foram muitos, os que o acompanharam na criação e desenvolvimento do Núcleo de Estudos de Hipertensão Arterial e, nomeadamente no nosso caso, no trabalho experimental desenvolvido ao longo de vários anos também na área da hipertensão. Respeitando os deveres deontológicos escrupulosamente, impecável com os doentes, “cavalheiro” com os colegas, assumindo sempre as suas responsabilidades, era completamente avesso à alienação das massas e dos *media*.

A excelência na prática da medicina clínica não é hoje fácil de encontrar. As novas gerações de médicos, como é por demais sabido, pertencerão ao “Século do Corpo”, mas vivem numa cultura que perdeu a memória, descrê do sujeito e “narcisou” o corpo (da carne, ou da encarnação, fica a libido — daí a moda, o *piercing* e a “droga”). Como aprender a prática da medicina clínica se até a anatomia e a *propedêutica* clínica (!?) são “ensinadas” em modelos artificiais e as próprias cadeiras clínicas de Medicina são comprimidas e espartilhadas pelas múltiplas especialidades, desprezando-se o ensino tutorial da anamnese e da observação, do diagnóstico e da interpretação? Quem, à cabeceira do doente, fala aos alunos da dor e do sofrimento, das emoções e das linguagens? Como é possível dizer-se que o sentir, o com-padecimento não interessa ao médico? Há certamente um diagnóstico a fixar, uma distân-

cia a ganhar e uma relação a estabelecer, tecnicamente exigentes (por exemplo na cirurgia); mas como ensinar a dominar o medo da incisão e da prescrição? E como ensinar a tomada da responsabilidade? Neste campo, a cultura humanística é certamente o passo próprio. Nogueira da Costa gostava de mostrar e falar acerca dos seus exemplares dos clássicos da Medicina Ocidental. Era um admirador da vida e dos feitos de Amato Lusitano e de Ribeiro Sanches. Nesta época de comercialização global, de autismo generalizado, de incoerência alarve, ter tido um Mestre leal e culto, homem de palavra – e a palavra e a acção é que dão sentido à vida – foi, para nós um privilégio. Sabemos bem, todos, que a crise que a Medicina atravessa no nosso País não é apenas na “crise do crescimento”. Novas formas de venalidade, dicotomia e desumanização vêm juntas. Não admira que em reacção proliferem outras medicinas, ditas paralelas. Numa sociedade pluralista, porém, a defesa da Medicina Hipocrática não se faz por lei, com perseguições e intolerância (e em nome de quê?) na auto-proclamada defesa do acto médico. Faz-se com competência, exemplo, garantia de qualidade e auto-regulação dos profissionais. E com justiça igual para todos.

Preocupado desde sempre com estas questões, ultimamente o Professor Nogueira da Costa preparava com um de nós (M.S.M.) um estudo acerca do texto do Corpus Hipocrático “Da Arte”. Dele extraímos uma parte que nos parece de flagrante actualidade:

*“(...) Não ficamos na realidade muito entusiasmados com a leitura deste tão afamado texto. Parece-nos mais um panfleto encomendado para defesa duma classe, a prática da Arte Médica, para contrapor aos seus críticos e detractores mais acérrimos. Distingue os que praticam dos simples artifices ou artesãos. Os críticos asseveram que os doentes, quando se curavam, seria por mero acaso ou evolução natural. O autor afirma que os médicos influíam na cura, eram os seus responsáveis. Quando tal não sucedia era o doente que não tinha cumprido as prescrições. Contudo considera as doenças incuráveis, sem solução, na qual era totalmente dispensável a intervenção do médico. Não havia portanto ainda qualquer menção à medicina paliativa. Divide também ainda as doenças em dois grupos: as patentes à vista, portanto com sinais externos e facilmente assinaláveis e as obscuras (a actual medicina interna?), por vezes com alguns sintomas e que a vista da mente poderia discernir. E discernir através da inteligência ou elaboração mental, o que talvez seja um princípio da noção de elaboração diagnóstica. Mas transparece a noção de que algumas doenças obscuras talvez se aproximem das incuráveis. Em suma o texto transmite a convicção absoluta de que a arte médica é uma realidade que condiciona a cura de muitos doentes (o que não sucederia por mero acaso). O médico estaria sempre dentro de um bom caminho e, no caso de*

*extravio, a culpa seria do doente que transgredia as recomendações, ou da incurabilidade da doença em si. E isto apesar de transparecer claramente a ausência de medicações activas, como era próprio da época. É assim a nossa leitura de um texto um tanto repetitivo e por vezes exaltado, que obedece mais à emoção do que à razão de quem porventura o escreveu. (...)”*

Para além de tudo o que referimos atrás é o Homem Bom que havemos de recordar. Apesar da sua posição era incapaz de magoar ou ferir os sentimentos de alguém que trabalhasse com ele. Ensinou-nos desde o primeiro momento a estimar e respeitar e ouvir as/os enfermeiras/os do Serviço. No seu consultório “inventava” todos os argumentos para não cobrar as consultas. Já depois de reformado da sua actividade hospitalar era sempre com toda a disponibilidade que nos acolhia e respondia sempre positivamente aos nossos pedidos de ajuda ou de colaboração, numa altura da vida em que seguramente já não podia esperar nada em contrapartida que lhe fosse materialmente útil.

Poucos dias antes de falecer, em conversa com um de nós no Anfiteatro da Faculdade de Medicina de Lisboa, antes da conferência do Professor Mulrow acerca da “Evidence-Based Medicine”, o Professor Nogueira da Costa perguntava, “não será um Mundo Orwelliano que aí vem”? Esta interrogação vem de um dos introdutores dos ensaios clínicos e da informática médica em Portugal. É que o senso clínico identifica-se — no verdadeiro médico — com a consciência moral, com a experiência clínica, com o sentimento de inteligibilidade (para empregar um conceito tematizado pelo Professor Fernando Gil). A principal lição de Nogueira da Costa é simples: o “olho clínico” só se pode adquirir à cabeceira dos doentes, o que implica que é o médico enquanto agente volitivo e pessoa íntegra que é ou não um “sage”, um clínico prudente.

Sendo decerto fraca a nossa qualificação para descrevermos quem foi o Professor Nogueira da Costa, não quisemos deixar de dar o nosso testemunho. A terminar, as palavras de um grande escritor recentemente desaparecido. Virgílio Ferreira, na “Conta Corrente 3”, escrevia: “31 de Janeiro (quinta). Ontem esteve aí de novo o Nogueira da Costa meu médico Cardiologista. É um homem que antes de sabermos o que seja, sabemos que é um “homem bom”. Mas depois sabemos que é eficiente, atento, sabedor.”

Em todos nós, que com ele tivemos o privilégio de conviver, ficará também sempre a recordação daquilo que Virgílio Ferreira soube em primeiro lugar: a lembrança de um homem bom. Nogueira da Costa bem pode dizer como Amato Lusitano: “(...) Os discípulos que até hoje tenho tido em grande número e, em lugar dos filhos, tenho educado, sempre os ensinei muito sinceramente a que se inspirassem no exemplo dos bons (...)”.